

## Morte e Glória de Narciso no Poeta Alfredo Pimenta

Nas *Palavras de Arte*, essa «pequena conversa» que proferiu na noite de 24 de Fevereiro de 1916, para apresentar um concerto do maestro Ruy Coelho, Alfredo Pimenta declarava:

«À arte só deve pedir-se emoção. Pedir lógica ou doutrinarismo à arte é profaná-la. A obra de um artista deve ser analisada independentemente das anteriores, e das hipóteses formuladas sobre as futuras. As minhas afirmações estéticas, aquilo que eu possa produzir no campo da arte, nada tem que ver com as minhas concepções filosóficas ou as minhas tendências políticas, as minhas crenças religiosas ou os meus princípios morais. A obra de arte é só: não deve reflectir mais do que exclusivos propósitos de Beleza.»

Doze anos antes destas *Palavras de Arte*, em 1904, Alfredo Pimenta fazia a sua estreia de poeta, com o livro *Eu*, dedicado a Junqueiro (por quem, aliás, se manteve sempre firme admirador), e onde, num preâmbulo a adivinhar o pulso vigoroso do polemista mais tarde consagrado, embora defendendo estéticas e ideologias opostas às que professava nessa época, atacava, furibundo, os seus confrades que, «doentes da beleza» (para utilizar o título de um romance do Visconde de Vila-Moura, o requintado estilista de Ansele, de que não sei se ainda alguém está lembrado, ao menos do nome); que, «doentes da beleza», dizia eu, desdobravam, com soberano, altivo desdém, diante do leitor assombrado, os ricos e pesados europeus de uma escola literária importada da França de Verlaine e Jean Moréas, rutilantes de rimas raras, de vocábulos invulgares, de ritmos e processos formais desconhecidos, de «músicas implorativas ou morosas»; tudo isto lançado, nefelibaticamente, do alto das nuvens inalcançáveis, «para raros apenas». Depois de apostrofar Eugénio de Castro, o mestre do Simbolismo português, de «opiado-artista-maluco», Pimenta dog-

matiza: «A Arte sem um fim é um *chic*». E aplicava os seus versos escaldados de intenção, mas banais, em defesa da liberdade, da greve, e na denúncia social da prostituição. Mas, em 1916, na citada «conversa» proferida na Liga Naval, concordaria já com Eugénio de Castro (a quem presta, mais tarde, rasgada homenagem crítica), ao dizer, convicto e convincente: «não façamos obra de arte para todos».

É bem conhecido que a evolução de Alfredo Pimenta do republicanismo, do anarquismo, para a monarquia anti-liberal não foi rápida porque foi meditada e alicerçada em bases sólidas, indestrutíveis, inexpugnáveis. Talvez a sua evolução estética tenha sido menos morosa, precedendo, pois, a ideológica e quiçá acelerando-a, já que não me atrevo a sugerir que a inspirou. Assim, em 1912, o escritor renuncia publicamente à poesia *engagée* dos livros *Eu e Para a minha Filha*, iniciando, com *Na Torre da Ilusão*, um caminho decisivo de poesia decadentista, atento cantor de Outonos doentes, de rosas cansadas, de castelos onde soam rumores nervosos de céus, de noites malditas de luas dolentes — proclamando os primores da Arte pela Arte. Ao passo que só em 1915 se dá o seu definitivo abandono das fileiras republicanas.

Creio ser Alfredo Pimenta o nosso mais acabado poeta decadentista e, sendo o último a chegar (pode bem dizer-se que, em 1912, a produção poética simbolista e decadentista cessara entre nós, ou fora já divulgado o seu melhor), foi o último a partir, em 1941, com os *Últimos Ecos de um Violino Partido*, onde se propaga, ainda, a lição verlainiana («*De la musique avant toute chose*»): «Versos são notas musicais apenas»; onde se assume, ainda, a atitude aristocraticamente nefelibata, «longe dos bárbaros», proposta por Eugénio de Castro: «Vivo num mundo de algodão em rama, / Entre alcatifas moles e almofadas; / Não ouço a voz que ao longe por mim chama, / Nem o rumor das ruas agitadas». E esta quadra (repare-se!) inicia o derradeiro soneto do volume, em que o poeta mandou imprimir a data: 1941.

Todavia, os seus livros mais intransigentemente decadentistas, onde todos os temas peculiares da Escola mais são exaltados, onde mais proliferam os pavões nos parques, os cisnes nos lagos, a poeira e as sombras nos palácios em ruínas, as jóias nos dedos de infantas ou nas vitrines dos museus, são *Paisagem de Orquídeas*, de 1917, e *O Livro das Sinfonias Mórvidas* (para mim, a sua obra-prima de Poesia), de 1920. Também, em ambos, Alfredo Pimenta expõe inovadoras experiências formais, o verso cadenciadamente pre-

guiçoso de 19 sílabas, que introduziu na poesia portuguesa, de que não foi, realmente, inventor, pois o poeta latino-americano José Asuncion Silva, morto em 1896, empregara-o já no seu *Nocturno*, excelentemente traduzido por Manuel Bandeira, e que considero um dos mais belos da Literatura Universal: «*Oh las sombras que se buscan en las noches de tristezas y de lágrimas!*» A diferença reside no facto do verso de Asuncion Silva se poder fraccionar em versos de três sílabas, ao passo que o verso de Pimenta: «Naquela noite que a sombra densa tornava fria, desconsolada», só se poder fraccionar em versos de quatro sílabas.

É, todavia, in *Paisagem de Orquídeas* que o esteticismo do poeta atinge os cumes, que o seu *egotismo* mais se impõe. Mas é, precisamente, num poema desta obra, intitulado «A Morte de Narciso» (e que o leitor distraído julgará ser apologia perfeita desse *egotismo* exacerbado), que vamos descobrir sinais claros de que Alfredo Pimenta tem consciência dos males espirituais que afectam quem se auto-estima em demasia. Eis o poema:

«Numa tarde de cansaços e de sonho doentio,  
Quando as folhas sacudidas são saudades a voar,  
Foi Narciso, aborrecido, para junto do seu rio,  
Para junto do seu rio, ver as águas a passar.

Nunca vira noutros olhos os seus olhos graciosos,  
Nem notara nos espelhos o encanto do seu rosto;  
Não sentira nos seus dedos, seus cabelos ondulados,  
Nem sabia que os seus olhos têm a graça do sol-posto.

Foi Narciso para junto do seu rio ver as águas...  
(Águas mansas como um sonho vagamente pressentido!)  
Na esperança de um sossego que curasse as suas mágoas,  
Ou de um sonho que encantasse seu espírito dorido.

Mas olhando, fixamente, para as águas deslizando  
Sob o coro dos salgueiros onde os melros assobiam,  
Mais atento, mais atento, foi nas águas reparando,  
Nessas águas vagarosas que pra longe lhe fugiam...

É que vira desenhada sobre a face fugidia  
Dessas águas do seu rio de tão doce e leve cor,  
Linda imagem do seu rosto que de rosa se cobria,  
Enleado de receio, todo cheio de pudor...

E a mirar-se de encantado, e a notar-se se ficou,  
Como, preso de si próprio, se ficou enamorado...  
Morre o dia, nascem trevas... e Narciso não deixou  
Esse encanto que nas águas o retinha fascinado!

E na boca pervertida e enlevada que sorria,  
O desejo de outra boca começou a corrompê-lo;  
E Narciso de atraído por si próprio, não sentia  
Que nas águas já pisava levemente o seu cabelo...

Pela imagem de si próprio dominado totalmente,  
Pôs os lábios sobre as águas, no prazer de se beijar...  
E sentindo-se arrastado pelas águas da corrente,  
Quis seu corpo nos seus braços, nos seus braços abraçar!

E abraçou-se, longamente, no desvairo sem igual,  
A si próprio, sobre as águas que o levavam murmurando,  
De si próprio namorado, no desejo divinal  
De a si próprio, toda a vida, sem fadiga, se ir amando.

No outro dia, acariciado pelo vento, com amor,  
Baloçando-se de leve na corrente d'água clara,  
Viu-se o corpo de Narciso, seduzido-sedutor,  
Que, encantado de si próprio, se perdera e se matara!»

Um poeta lírico quase sempre enferma do pecado do narcisismo. Não, no sentido freudiano de amar o seu próprio corpo (e até há, na poesia portuguesa, quem revele lampejos desse autoerotismo, como Botto, Florbela, Judith Teixeira...), mas de amar a sua própria personalidade. Alfredo Pimenta, desde que se conheceu, enamorou-se do seu espírito, da sua inteligência, da sua arte. Foram, aliás, seus mestres literários, outros narcisistas como ele: Oscar Wilde, D'Annunzio, Ruben Dario. (Esse Ruben Dario que, sentindo-se morrer — recorda-o Pimenta — diria a um amigo, afagando as bandas de seda do *smoking* que enverga: — «Amigo, diz à Posteridade, que o poeta morre, mas vestia seda!» Também o cantor de «A Morte de Narciso» conservou, para a Posteridade, o exterior que o caracterizava: o brilho irónico e perspicaz do seu monóculo, a elegância da sua larga capa negra, a alvura aristocrática das suas luvas.)

A inteligência de Alfredo Pimenta era altamente digna de ser amada, pela sua extraordinária vivacidade e profundidade. E tal vivacidade e tal profundidade logo advertem o escritor dos perigos do seu narcisismo, de um narcisismo que poderia levá-lo ao extremo nefasto da megalomania, perverter-lhe a alma, fazer dele um monstro de intransigência, arrastá-lo para a morte trágica que é a esterilidade. Esta advertência parece-me tê-la entendido melhor, e mais rápido, o poeta que o pensador. É, pois, o poeta o primeiro a transmiti-la, em verso (sua expressão natural), n'«A Morte de Narciso» que acabei de citar. Por esse motivo, não respeita o poeta Alfredo Pimenta, totalmente, o mito helénico, omitindo-lhe (repare-se!) o principal: o nascimento da flor; deixando, assim, estéril, vazia de sentido, a morte do efebo. Mas o narcisismo de Pimenta não era deste tipo. Ele admirava os seus extraordinários dotes intelectuais e artísticos, mas não os guardava, avaro, para si: punha-os, generoso, ao serviço dos seus ideais, ao serviço da Portugalidade, de que foi mestre eminente. Isto nos diz o escritor, a nós e à sua própria inteligência, utilizando o mesmo mito de Narciso, embora sob um prisma original. Di-lo, datado de 1920, no seu livro *Pretextos e Reflexões*, num texto em prosa, ou, com mais exactidão, num poema em prosa, que se esqueceu de recolher, em 1924, no volume intitulado precisamente *Poemas em Prosa*. Ei-lo:

«Um dia, Narciso andava a passear seus males de aborrecido pela floresta sagrada. As borboletas poisavam de leve nos seus cabelos finos, e as árvores floridas sacudiam-se amorosas, para que as suas flores o beijassem, quando ele passava. Mas Narciso não reparava nem nas borboletas que poisavam nos seus cabelos, nem nas flores que caíam sobre ele e o envolviam. Nem a si próprio se conhecia, nem de si próprio ouvira falar ainda.

«Um grande tédio fazia-o alheado das coisas e dos deuses. E nunca a sua boca de linhas suaves saboreara a amarga doçura de um beijo fugitivo, nem a efémera doçura de um beijo demorado. Nunca as suas mãos tinham adormecido na tepidez macia de uns cabelos amados, nem o seu corpo tinha vibrado sob o afago de lentas mãos desejadas. Mas naquele dia, Narciso sentia-se inquieto e estranho, no meio do seu aborrecimento e do seu enfado.

«Passeava pela alameda das magnólias em flor. Mas não sentia o perfume desvairante das magnólias — que o seu alheamento era grande, e o seu aborrecimento era maior.

«Porque a caminhada já vinha de longe, certo cansaço o invadia. Deitou-se no tapete fresco da relva, e, os olhos vagos, no espaço vago, deixava-se levar no capricho do seu tédio.

«Mas uma ninfa que por ali andava, presa da sedução do seu próprio sonho, viu Narciso, e, curiosa de fitar os seus olhos cuja cor todos diziam que era bela, aproximou-se do deus aborrecido, que nem a notou sequer. A ninfa fitou os seus olhos, e viu-se nas águas verdes dos seus olhos, e procurou reter na memória a cor e o brilho dos olhos em que se revia.

«Duma alta magnólia, caíram as folhas brancas de uma flor. A ninfa teve medo, e fugiu, assustada...

«Narciso adormecera...

«Já o sol descia, longe da floresta, no deserto do mar distante, quando Narciso acordou. Ergueu-se e de novo continuou o seu passeio.

«Ao fim da alameda das magnólias, havia um lago de águas tranquilas em que boiavam, sonâmbulos, brancos, nenúfares.

«Narciso parou junto ao lago. E apoiando-se nas mãos finas inclinou-se para as águas do lago. E os seus olhos poisaram no espelho adormecido das águas...

«Narciso estremeceu. E os seus olhos fugiram, sobressaltados, para o céu onde pombas alvas traçavam círculos distantes.

«Mas de novo baixou os seus olhos para as águas do lago. E fitou-as, curioso e ansioso. E um leve sorriso desenhou a sua boca, e uma transparente claridade iluminou o seu olhar.

«E Narciso já não tirava os seus olhos das águas do lago — porque andava longe, agora o seu tédio, e perto, bem perto dele, andava, agora, a sua perdição.

«Pouco a pouco, atraído pela imagem que lhe surgia na transparência das águas, Narciso foi aproximando dessa imagem o seu rosto transfigurado. A sua boca poisou na boca fria da imagem que nas águas o atraía. Não se satisfez o seu beijo. E os seus braços procuraram abraçar a imagem que lhe surgia do fundo das águas. Mas a imagem fugia-lhe como sombra ou como névoa. E Narciso, na ânsia desesperadora de a atingir e prender, de nela confundir o Desejo sagrado que o consumia já, lançou-se no abismo das águas do lago...

«Nesse lugar, nasceu, pouco depois, à flor das águas, uma flor branca que ainda ninguém vira. E os deuses ensinaram aos homens que essa flor era a alma de Narciso, que morrera afogado porque, fitando as águas do lago, vira nelas, e desenhada na cor

verde dos seus olhos, uma doce imagem, sedutora e magnífica — que era a imagem daquela ninfa que nos olhos de Narciso, nessa tarde, se vira mirada...

«Pela imagem da ninfa se tinha perdido Narciso. E os homens, na sua vaidade mesquinha, pensaram que de si próprio se enamorara, e por amor de si próprio morreria...»

Aqui, sim, o auto-retrato de Alfredo Pimenta ganha linhas correctas e aponta o futuro. Ele, na pele de Narciso, só aparentemente se enamora da sua personalidade. Quem o apaixona é a nobreza e beleza de um ideal (a ninfa, no texto) que chega até ele quando se encontrava desenganado de certas doutrinas efémeras, voláteis (no texto, simbolizadas pela borboleta que é um breve pulsar, pela flor que súbito tomba, a despetalar-se). Só por esse ideal é que vale a pena morrer. Porque, dessa morte, nasce (flor branca, no texto) a mensagem futura.

Alfredo Pimenta toda a vida deu provas do seu amor por um ideal — ideal que se tornou diferente e único após o encontro com a verdade, na Estrada de Damasco da sua inteligência. Por ele, lutou até à morte. E, apaixonado, morreu. Mas não em vão. Porque nos legou, a todos, a flor puríssima da sua fé, o vigor da sua doutrina, o exemplo da sua coragem.

Poeta é profeta: «E os homens, na sua vaidade mesquinha, pensaram que de si próprio se enamorara e por amor de si próprio morreria...»

Mas destes não reza a história.

11-1-82

*António Manuel Couto Viana*